

Bônus global brasileiro volta a subir

Investidores da Ásia absorveram 40% da emissão; EUA e Europa dividiram o restante

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

Os bônus globais da República Federativa do Brasil, lançados no mercado internacional na segunda-feira, continuaram recuperando-se, ontem. Depois de terem sido vendidos com uma taxa de risco ("spread") de 265 pontos-base acima dos títulos do Tesouro norte-americano de igual prazo (cinco anos), os preços dos bônus haviam caído, o que elevou o "spread" até 288 pontos-base. Mas, ontem de manhã, já estavam sendo cotados com taxa de risco de 276 pontos-base.

A informação é do banqueiro sênior do suíço SBC Warburg, Kurt Pickel, instituição que foi co-líder do lançamento, junto ao norte-americano J.P. Morgan. Pickel participou da equipe que fez o "road show" do Brasil no Extremo Oriente, onde foram visitadas as cidades de Hong Cong, Seul e Tóquio.

Foi essa região que ficou com a maior parte da emissão, informou, equivalente a 40% dos US\$ 750 milhões lançados em títulos de cinco anos. Estados Unidos e Europa dividiram o restante em partes iguais. Pickel informou que os investidores que participaram da apresentação brasileira no Extremo Oriente eram eminentemente institucionais, isto é, fundos de investimento.

A queda do preço do bônus global brasileiro logo após a emissão, disse,



Kurt Pickel

foi resultado das operações especulativas de vendedores a descoberto, que prometeram entregar títulos sem possuí-los, confiando que o preço ficaria mais baixo do que no lançamento.

Pickel, assim como executivos de outras instituições que participaram do lançamento, acredita que esses especuladores poderão passar aperto para entregarem os títulos vendidos pois acredita que o preço subirá até terça-feira, quando será feita a liquidação financeira e física da emissão.

O banqueiro suíço descartou o aumento do déficit da balança comercial como motivo para a queda do bônus global brasileiro. Para ele, esse déficit até ameniza o impacto monetário do ingresso do dinheiro captado no exterior.

Três motivos teriam sido respon-

O risco dos países emergentes*

Emissor	04/10	25/10	28/10	Varição (em pontos-base)
Argentina 9,25% 2001	358	408	410	52
México 9,75% 2001	272	327	320	48
Brasil Petrobrás 2001	-	282	280	-2
CVRD 2001	272	307	300	28
IDU	263	280	300	37
EI	381	467	460	79

Fonte: S B Warburg

* Prêmios em pontos-base sobre a letra do Tesouro dos EUA de prazo equivalente.

sável pelo recuo das cotações. "De repente, o clima internacional ficou negativo para os mercados emergentes por causa da queda do peso mexicano, das declarações do ex-ministro argentino Domingo Cavallo sobre a corrupção no país vizinho. Além disso, houve uma realização de lucros normal nesta época do ano com dos investimentos na região", explicou.

De toda forma, Pickel acredita que a emissão foi um importante passo para estabelecer um "benchmark" do risco do Brasil no mercado internacional, que deverá beneficiar as captações das empresas.

Foi também uma operação que vai permitir o alongamento do passivo interno; e seu custo foi inferior ao de outras emissões comparações. O custo total da operação brasileira, informou Pickel, ficou em 9,04% ao ano em comparação com os 9,9% da emissão global mexicana e dos 9,42% da argentina. No dia do lançamento, vários títulos de mercados emergentes eram cotados com uma taxa de risco superior à do bônus global brasileiro (ver tabela). A emissão da Petrobrás, feita no início do mês com um "spread" de 250 pontos-base, era cotada a 280 pontos-base.